ANO 7.º LISBOA — DOMINGO, 8 DE JANEIRO DE 1928 N.º 2070

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 49
TELEFONES { Direcção: T. 152 / Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

FOOT-BALL INTERNACIONAL

PORTUGAL empata 2 a 2 COM A ESPANHA

Damos em seguida a critica cronometrada do desafio, tal como foi feita "sur place„ pelos nossos redactores e transmitida ao "Diario de Lisboa„ pelo fio telefonico que nos ligava directamente ao campo.

O inicio

14,37—Saem os portugueses. A avançada é bem conduzida pela direita e interceptada "in-extremis„ pela defesa esquerda espanhol.

14,39—Primeira free contra Portugal. Cria uma situação perigosa, por um falhanço de Cesar. O meia-direita espanhol tem um remate que vai por fora rente á balisa.

14,41—"Off-side„ contra os nossos.

14,42—Primeira freee contra os espanhois. Após varias jogadas ha um remate nosso que vai alto.

O jogo está, ora num campo ora noutro. Cipriano faz a sua primeira defesa. Um minuto depois efectua outra—facil.

14,40—Um bom mergulho de Cipriano á um remate de Samitier.

Nota-se que ao contrario do que se esperava, os dianteiros espanhois não têm carregado o nosso "keeper„.

14,43—Primeira defesa de Zamora a um "shoot„ de José Manuel.

Imediatamente os espanhois ripostam e rematam alto.

14,45—José Manuel perfeitamente descoberto, tem um remato desastrado.

14,48—Duas situações de grande perigo para Zamora, com intervalos de segundos. A emoção é enorme.

14,50—Formidavel defesa de Zamora a um bom remate de Vitor Silva.

A nossa "equipe„ está-se portando explendidamente—alem de toda a espectativa.

14,56—"Free„ contra os nossos, a 30 metros do "goal„ E' shootado directo. Cipriano obrigado por Carlos Alves defende facilmente.

Zamora tem duas defesas seguida,

O primeiro «goal»—a favor de Portugal

14,58—Penalty contra os espanhois por mão evidente dum "defesa azul„. José Manuel faz o "goal„ com um pontapé fortissimo. Portugal 1—Espanha 0.

O entusiasmo não se descreve. Milhares de bocas gritam. Ha lenços a tremular por toda a parte.

15 h.—Jorge cai magoado.

O jogo é interrompido durante um minuto.

15,02—Numa carga a Cipriano a bola entra. O juiz invalida por "off-side".

O primeiro «goal» espanhol

15,03—"Penalty" contra os portugueses. Porquê? Não se percebem bem. Talvez para pagar o outro. Vallana transforma.

Portugal—1. Espanha—1.

15,04—"Corner" contra a Espanha, pessimamente marcado por Waldemar. Nada resulta.

15,07—"Free" a favor dos espanhois. Jorge intercepta.

15,08—Bela defesa de Zamora a um remate de João dos Santos.

Como se vê destas rapidas notas, Zamora tem tido que fazer...

Clichés Serra Ribeiro

O grupo português

E percebe-se que os espanhois estão surpreendidos. O seu jôgo endurece. Vitor Silva cai maguado. Interrupção por alguns momentos.

15,12—Defesa de Cipriano. Os espanhois já esboçam a carga...

15,14—Três defesas de Cipriano—algo apertadas...

15,16—Cesar é aplaudido em jogadas individuais brilhantes.

15,18—Fim da primeira parte.

1 a 1

A nossa *équipe* satisfez neste primeiro tempo.

Cipriano defendeu tudo o que lhe foi á porta — e, se não teve nenhum remate muito perigoso, o seu trabalho nem por isso desmereceu.

Os nossos defezas cumpriram bem. Sem grandes pontapés de efeito, mas geralmente seguros.

A formação de médios regular. O melhor, Augusto Silva. Cesar teve no inicio da partida dois «falhanços». Recompôs-se e acabou *en beauté*. Figueiredo, normal. O quinteto de ataque, muito desigual, ainda que regularmente apoiado pelos médios.

O ponta direita e o interior fôram nesta parte os piores. José Manuel criou varias situações perigosas para as rêdes espanholas. Vitor Silva, geralmente bem.

João dos Santos, jogando medianamente, teve um esplendido remate.

* * *

Dos espanhois, Zamora — o grande de sempre. Teve um mergulho e uma bola a meia altura que defendeu bem — *signé* Zamora. Os *backs* espanhois, rapidos, ageis e seguros. Os médios bons, mas sem deixarem a inesquecivel impressão do trio de outrora: Meana, Peña e Samitier.

O ataque, com todas as caracteristicas habituais dos ataques espanhois...

* * *

O publico está animado. Um *Vickers* vôa sobre o campo e é aclamadissimo.

A *geral* espera a vitoria.

As bancadas e os camarotes não ousam pronunciar-se sobre o resultado final, mas o «goal» marcado pelos nossos já lhes chega como satisfação...

* * *

JORGE VIEIRA:—não diz nada. Masca limão e parece não conhecer ninguem.

VITOR SILVA: — Estou contente, mas sinto a força deles.

AUGUSTO SILVA: — Não são tão duros como parece. Jogam bem, mas não nos comeram ainda.

RAUL FIGUEIREDO: — Vamos jogar ainda com mais alma. Os «tipos» são duros e perigosos, mas a gente até agora tem acertado e até perdido ocasião de marcar.

O ARBITRO PRINCE COX: — Jogo bom. Quasi sempre correcto. Os portugueses são bons jogadores mas menos atletas.

Uma pergunta nossa:

— Quem lhe parece que ganhe?

Resposta:

— Não sei. Talvez... (*Hesita*) Quem mantiver a coragem.

ZAMORA: — A *équipe* portuguesa está jogando mais do que a espanhola — e com mais alma. Pela primeira vez num Portugal-Espanha sou forçado a temer que a Espanha perca. Os portugueses têm atirado mais ao «goal» do que os espanhois. Jogo forte, como não esperava.

KIRIKI: — Estou surpreendido com o jogo português. Supunha isto mais facil. Os portugueses jogam bem, principalmente o extrema-esquerda (José Manuel) e o avançado-centro (Vitor Silva). Conto melhorar na segunda parte.

SAMITIER: — Rijo... rijo... muito rijo. Os portugueses surpreenderam-me. Muito bons os avançados. O meia-direita é um pouco violento. Conto ganhar o jogo. *Tiene que ser.*

Segunda parte

15,35—Saem os espanhois. Ha uma série de jogadas num e noutro campo.

15,40—Zamora defende um remate fraco: "touche„, feito por Waldemar. Os espanhois respondem com alguns minutos de pressão.

15,44—Um belo centro de José Ma-

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

Cliché Raul Reis

A entrada dos espanhoes no campo

Nova Gôa

O porto está bloqueado

Alguns dos nossos portos coloniais estão sendo objecto dum porfiado e constante trabalho. Depende da sua valorisação o desafogo economico de vastas regiões ultramarinas que, até hoje, têm pesado desoladoramente nos fundos da metropole.

Os portos são, por assim dizer, os pulmões por onde a economia dum pais respira. Os pulmões sofrem duma atrofia ingénita ou acidental, o organismo definha e pode sucumbir.

No ultramar ha portos que nascem, outros que desempenharam um grande papel na infancia e no apogeu da nossa fama de navegadores e conquistadores e que jazem ao abandono, como o de Nova-Gôa.

Falando-se do Estado da India, ocorre-nos o porto de Mormugão, testa duma linha ferrea desembocando no Oceano Indico, mas esquecemos, não raro, o porto fluvial de Nova-Gôa, o segundo em importancia; por onde navegaram as grandes frotas comerciais do seculo XVI e principios do seculo XVII, em demanda da Velha Cidade de Gôa, uns quilometros a montante.

Noticias recentemente chegadas referem que o assoriamento da barra do Mandovy, que dá acesso ao porto, manifesta-se duma maneira alarmante, a ponto de se recear o seu completo bloqueio pelos bancos de arcia que ai se acumulam durante a monsão do sudoeste. Já se deu o facto de, ha quatro anos, ficar de todo interrompida, por algum tempo, a navegação para o porto de Nova-Gôa, durante o periodo considerado de livre acesso.

Fomos indagar o que representa, hoje, para o Estado da India o porto de Nova-Gôa, por onde embarcam e onde desembarcam muitos milhares dos 100.000 goezes que pela India Inglesa mourejam e contribuem para o equilibrio economico daquela longinqua possessão portuguesa e, das estatisticas que alcançam 1924, tomamos os dados que seguem.

O numero de embarcações de longo curso e de cabotagem que demandaram o porto, naquele ano, foi de 1071, atingindo a carga importada e exportada o valor de 28.753 toneladas.

Passageiros entrados e saidos, 83-892.

Valor da importação e exportação 2.161:000$00 (*).

Rendimento do Tesouro, 173:567$00 (*).

Pois o porto de Nova Gôa, o segundo duma das colonias mais portuguesas do imperio português, está em vesperas, se não está já, de se perder.

Da cidade de Gôa, um nada a montante, diz o explorador francês Francisco Pyrard, que a visitou por 1605: "é a mais bela coisa do mundo ver o grande numero de navios que ali ha, assim no porto, como varados em terra, e todas as mercadorias que se embarcam nas naus e navios que vão para Portugal ali se hão de embarcar.„

E' mister, pois, salvar o porto de Nova Gôa e, para tanto, poder-se ha aproveitar o levantamento hidrografico feito sob a direcção do falecido almirante Neuparth, a fim de se balisar o seu canal mais favoravel de acesso e dota-lo com uma draga adequada para a conservação das funduras necessarias á navegação.

Nesse sentido, esperamos a intervenção das entidades competentes para a manutenção da nossa incomparavel situação colonial.

A. de Spinola
Engenheiro Civil

(*) Os valores mencionados foram deduzidos, atribuindo-se á rupia a cotação convencional de 35 centavos, quando a verdadeira anda por 7 escudos...

BOLO-REI

Da acreditada Pastelaria Marques, do Chiado, 72, recebemos seis saborosos Bolos-Reis que muito agradecemos.

Estradas e Turismo

Se deseja viajar de automovel no nosso Pais, solicite á revista de automoveis «O VOLANTE» uma carta itineraria.—74, 2.º—LISBOA.

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 Rua de S. Paulo—77

Companhia Geral de Construções

Anuncia-se que, por escritura hoje outorgada perante o notario Tavares de Carvalho, o capital desta sociedade anonim de responsabilidade limitada, com séde em Lisboa, capital que era de 500.000$, equivale a 62.500 libras, e dividido em 6.250 acções ordinarias de 80$ ou 10 libras, integralmente pagas, foi reforçado com 160.000$, equivalente a 20.000 libras, por meio da emissão de 2.000 acções privilegiadas, de 80$ ou 10 libras, subscritas pela Sociedade Comercial Financeira, Limitada, e já pagas.

Lisboa, 4 de Janeiro de 1927. — O notario ajudante, *Fernando Tavares de Carvalho.*

Companhia Geral de Construções

Por escritura outorgada hoje perante o notario abaixo assinado fôram alterados os estatutos desta sociedade anonima de responsabilidade limitada, cuja séde é em Lisboa, pela fórma seguinte:

O artigo 2.º passa a ter a redacção seguinte:

ARTIGO 2.º — Constituem objecto da Companhia Geral de Construções a exploração da industria de construções, assim como o exercicio das industrias e comercio com ela relacionados, bem assim assumir a responsabilidade directa da exploração de serviços industriais, ou a direcção de empresas ou serviços, ou tomar parte em outras empresas, e finalmente explorar qualquer outro negocio, é excepção do bancario, que o conselho de administração resolva fazer exercer pela sociedade.

O artigo 3.º passa a ter a redacção seguinte:

ARTIGO 3.º — O capital social é de 500.000$, equivalente a 62.500 libras, acha-se integralmente subscrito e realizado e divide-se em 6.250 acções ordinarias de 80$ ou 10 libras cada uma.

Os paragrafos 1.º e 2.º do mesmo artigo 3.º são suprimidos.

O primeiro periodo do artigo 5.º fica tendo a redacção seguinte:

ARTIGO 5.º — Fica o conselho de administração autorizado a elevar, precedendo parecer favoravel do conselho fiscal, por uma só vez ou em fracções sucessivas, o capital social em mais 800.000$ ou 100.000 libras, em acções de 80$ ou 10 libras.

E o paragrafo 1.º do mesmo artigo 5.º fica com a redacção seguinte:

Paragrafo 1.º — A elevação do capital, nos termos da primeira parte do presente artigo, far-se ha por emissão de acções privilegiadas, comulativas e participantes em 33 por cento do remanescente a dividir pelo capital, depois das aplicações previstas no artigo 11.º e nos n.os 1.º a 4.º e primeira parte do n.º 5.º do artigo 21.º. Quanto á emissão de acções privilegiadas renunciam os accionistas ordinarios a toda e qualquer preferencia.

São substituidas as palavras «100 acções» por «10 acções» no paragrafo 6.º do artigo 7.º.

No artigo 8.º, paragrafo 1.º, ao final do seu primeiro periodo são acrescentadas as seguintes palavras: «e bem assim concorrer a praças para execução de obras ou arrematação de exploração de serviços, expressos ou genericamente previstos nos estatutos, como fazendo parte do programa e acção da Companhia, e praticar e efectuar todos os actos, acôrdos e contratos conducentes a tais fins».

São substituidas no artigo 10.º as palavras «10 acções» pelas palavras «5 acções».

São substituidas no artigo 12.º, paragrafo 1.º, as palavras «100 acções» pelas palavras «50 acções».

O artigo 20.º passa a ter a redacção seguinte:

ARTIGO 20.º — O exercicio social começa em 1 de Janeiro e termina em 31 de Dezembro.

Paragrafo unico — O presente exercicio só terminará em 31 de Dezembro de 1927.

São substituidas no artigo 21.º, n.º 2.º, as palavras «de 6 por cento» pelas palavras «de 10 por cento»; em o n.º 3.º do mesmo artigo são substituidas as palavras «excedam 6 por cento» pelas palavras «excedam 10 por cento»; o n.º 5.º é eliminado e o n.º 6.º passa a ser n.º 5.º. Neste novo n.º 5.º, depois das primeiras palavras: «Do saldo restante», são acrescentadas as palavras: «depois de feitas as aplicações previstas pelos numeros anteriores deste artigo e pelo artigo 11.º».

O paragrafo 1.º do mesmo artigo 21.º passa a ter a redacção seguinte:

Paragrafo 1.º — Os dividendos serão sempre pagos em moeda corrente no País, ao cambio do ultimo dia do exercicio a que digam respeito.

No artigo 23.º o n.º 3.º do paragrafo 3.º passa a ter a seguinte redacção:

3.º — O saldo restante será aplicado nos termos do paragrafo 1.º do artigo 5.º.

Lisboa, 4 de Janeiro de 1927. — O Notario, *Antonio Tavares de Carvalho.*

Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade

Um bodo aos pobres

Foi inaugurada hoje, ás 15 horas, a «Consulta Externa» do hospital da Veneravel Ordem, destinada, de preferencia, aos pobres da capital, protegidos pelos parocos, que atestem a precaria situação dos seus recomendados.

Da «Consulta-Extensa» fazem parte distintos medicos cirurgiões, especialisados no tratamento das doenças que mais affligem a humanidade e que ali receberão gratuitamente as pessoas nas condições acima referidas.

Para comemorar esta iniciativa a Mesa Administrativa daquela casa de caridade, distribuiu dinheiro a 20 pobres, os quais ficam tambem com direito a uma sopa diaria, servida em refeitorio especial.

Assistiram as autoridades administrativas, o clero, medicos, imprensa e irmãos da Veneravel Ordem.

Musicas

«O que o Inverno levou...» e «O que a Primavera trouxe», são duas encantadoras musicas que o sr. Ernesto de Melo e Castro compôs sobre o poema «Menino», de Antonio Correia de Oliveira.

A edição, magnifica, é da Casa Valentim de Carvalho.

Novo estabelecimento musical

Soares & Viana, Limitada—dois musicos e jovens empreendedores—inauguraram ontem, na Rua do Loreto, 48, um estabelecimento para venda de pianos, gramofones, discos, cordas e acessorios para instrumentos. E mandaram-nos, para serem vendidos, a favor dos nossos pobres, alguns exemplares de dois tangos, editados por eles: «Camisita Verde», letra de Antonio Viergol, musica de Eva Böhr, e «Neva», versos de Carlos Ferreira e musica de Henrique Cabral.

RUA DA GLORIA — N.º 57

BAL-TABARIN MONTANHA

ABERTO TODA A NOITE

CABARET-DANCING

BREVEMENTE — NOVAS ESTREIAS —

AMELIA VASQUEZ — Grande sucesso nas suas finissimas canções «Ai! Ai! Ai!», «España de ayer» e «Tuya seré»

ANGELITA FRANCES — em canções frivolas

Magnifico serviço de BAR — Concerto pelo sexteto Bal-Tabarin-Melody-Jazz

TODOS OS DIAS — Sessões ás 10 horas, meia noite e 2 horas

PENSAO TIVOLI

Tel. N. 987 — Av. da Liberdade, 190 - LISBOA

Excelente serviço de cosinha domestica — Optimas e higienicas instalações

AUTOMOBILISTA, Ltd.ª

A mais antiga casa de ACESSORIOS PARA AUTOMOVEIS

R. Alves Correia, 160 — LISBOA

Teleg. *Automobilista* — Telef. 4218 N.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Viscondessa de Assentis, Viscondessa de Montargil, D. Maria de Lourdes da Cunha e Menezes, D. Julia Fletcher Norton Marinho Falcão e Barros, D. Maria de Jesus Gil de Gouveia Beltrão, D. Maria Carolina de Sequeira Manso Gomes Palma, D. Maria Luiza Norton Alzina e D. Maria da Anunciação Viana Ferreira Roquete.

E os srs.:

Conde de Mesquitela, Conde de Rilvas, Sebastião Lobo de Menezes (Paço de Nespereira), Marcos Tameirão (Valado), Armando Rocha, Carlos Pinto Coelho e Manuel José da Sarrea Brack-Lamy.

Casamentos

Na Bazilica da Estrela realisou-se o casamento da sr.ª D. Izabel Correia de Sá de Lucena, interessante filha da sr.ª D. Mariana de Almeida Correia de Sá, ja falecida e do sr. dr. Manuel de Lucena, com o sr. Carlos Pizarro Côrte Real, filho da sr.ª D. Beatriz Pizarro Côrte Real, e do sr. Carlos Leme Côrte Real, tendo servido de madrinhas as sr.as Marqueza do Lavradio, e D. Margarida de Lucena de Sampaio, tias da noiva e de padrinhos os srs. Manuel Cardoso Côrte Real, e dr. José Beleza, irmão e primo do noivo.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na elegante residencia do pai da noiva, um finissimo lunche.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—Realisou-se na capela da Fortaleza de Santa Catarina, na Praia da Rocha, o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Vieira Marques Ferreira, filha da sr.ª D. Angelica Negrão Vieira Marques Ferreira e do sr. José Antonio Marques Ferreira, com o sr. José Valadares Mascarenhas Pacheco, filho da sr.ª D. Julia Valadares Mascarenhas Pacheco, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Antonio Teixeira, cunhado do noivo, sendo o acto celebrado pelo prior aposentado reverendo Antonio Joaquim Rodrigues, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimonia religiosa foi servido na elegante vivenda dos pais da noiva um finissimo lunche.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.ª D. Maria Luisa Henriques de Lancastre, filha dos srs. condes das Alcaçovas, com o sr. Pedro Paulo José de Melo (Santar), filho da sr.ª D. Maria Quiteria Gil de Borja de Macedo e Meneses de Melo (Santar) e do sr. Antonio Vasco José de Melo (Santar), devendo a cerimonia realizar-se no proximo anno.

—Deve-se realizar brevemente o casamento da sr.ª D. Maria Josefa Correia de Freitas, filha da sr.ª D. Laurinda Pinheiro Correia de Freitas e do sr. José de Azevedo Coutinho Correia de Freitas, com o sr. José Manuel de Melo, filho da sr.ª D. Rosa Guimarães Mogo de Melo e do sr. Carlos Gorjão Mogo de Melo, já falecido.

—Para o capitão de artilharia sr. Albano Duarte Ribeiro Coelho, filho da sr.ª D. Elisa do Carmo Ribeiro Coelho e do sr. Esequiel Julio Coelho, já falecido, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria das Dores Cisneiros Ribeiro, a sr.ª D. Lucinda Amelia Pereira Portugal da Silveira Correia de Lacerda, filha da sr.ª D. Rita Carolina Pereira Correia de Lacerda e do sr. Carlos Augusto Portugal Correia de Lacerda, realizando o acto nos primeiros meses do proximo ano.

Grande Hotel d'Italia
Mont'Estoril

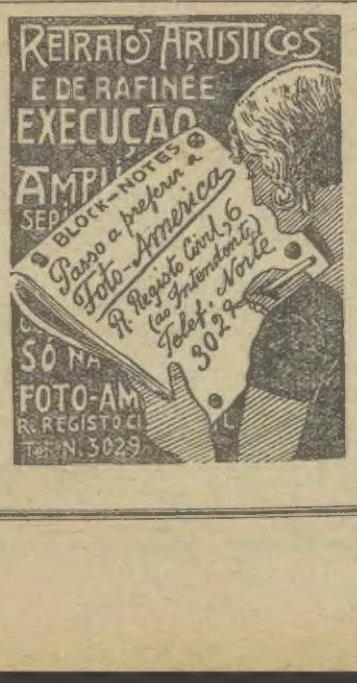
Encerite

O melhor preparado para encerar soalhos, mobilias, oleados, corticites, etc. — Lata de 1/2 quilo, escudos 5$00 — Recebe-se a lata vazia por $75 — A' venda em todas as Drogarias — Fabricantes e Depositarios Gerais, Joaquim Lopes & Bento, Ltd. — Telefone N. 5815.

Salão Paradis

Rua da Gloria, 95, 2.º

Chapeus para senhora, com «chic» parisiense, em todos os estilos e a preços de sensação.



nismo

sr.ª:
, Viscondessa de Mon-
des da Cunha e Mene-
rton Marinho Falcão e
us Gil de Gouveia Bel-
de Sequeira Manso Go-
iza Norton Alzina e D.
ana Ferreira Roquete.

onde de Bilvas, Sebas-
(Paço de Nespereira),
do), Armando Rocha,
Manuel José da Sarrea

a realisou-se o casa-
rreia de Sa de Lucena,
D. Mariana de Almeida
e do sr. dr. Manuel
los Pizarro Côrte Real,
zarro Côrte Real, e do
eal, tendo servido de
eza do Lavradio, e D.
Sampaio, tias da noiva
Manuel Cardoso Côrte
mão e primo do noivo.
religiosa foi servido
o pai da noiva, um fi-

rande numero de va-
s.
da Fortaleza de Santa
ocha, o casamento da
eira Marques Ferreira,
Negrão Vieira Marques
tonio Marques Ferreira,
Mascarenhas Pacheco,
res Mascarenhas Pache-
rinhas as mães dos noi-
da noiva e o sr. dr. An-
do noivo, sendo o acto
sentado reverendo An-
que no fim da missa
ão.
iginosa foi servido na
da noiva um finissimo

rande numero de va-
s.
oficialmente, o casa-
Luisa Henriques de
condes das Alcaçovas,
José de Melo (Santar),
uiteria Gil de Borja de
Melo (Santar) e d o sr.
Melo (Santar), devendo
o proximo ano.
emente o casamento da
eia de Freitas, filha da
ro Correia de Freitas e
lo Coutinho Correia de
Manuel de Melo, filho
ães Mogo de Melo e do
e Melo, já falecido.
lharia sr. Albano Duar-
da sr.ª D. Elisa do Car-
sr. Esequiel Julio Coe-
da em casamento pela
isneiros Ribeiro, a sr.ª
ra Portugal da Silveira
a da sr.ª D. Rita Caro-
Lacerda e do sr. Carlos
de Lacerda, realizando
es do proximo ano.

tel d'Italia
Mont'Estoril

erite
do para encerar
, oleados, corti-
de 1|2 quilo, es-
ebe-se a lata va-
enda em todas
bricantes e De-
Joaquim Lopes
elefone N. 5815.

Paradis
ria, 95, 2.º
nhora, com «chic»
os os estilos e a

A' VOLTA D'AFRICA

Como são tratados
OS SERVIÇAIS
da ilha de S. Thomé

Nos ultimos anos tem-se falado muito na imprensa de varios paises e em assembleias internacionais na conveniencia das nações coloniais cuidarem com interesse e carinho dos indigenas das suas colonias como sendo esse o principal objectivo a atingir por quem colonisa. E ao mesmo tempo que se faz alarde deste principio humanitario desenvolvem-se as mais variadas campanhas contra nós, tanto como europeus como colonisadores, parecendo haver o proposito firme de convencer o mundo de que nós não sabemos aplicar esses principios humanitarios nem somos capazes de desenvolver os nossos dominios ultramarinos.

São bem conhecidas as origens destas campanhas de má fé a que andam ligados interesses de varia ordem. Mas nem por isso nos devemos manter silenciosos diante delas, tanto das que todos os dias aparecem na imprensa, á luz do dia, como das que se tramam em conciliabulos misteriosos.

Cuidar com interesse e carinho dos indigenas!

Mas qual é a nação colonial que o faz com maior competencia e com mais coração do que Portugal?

Provas? Elas estão patentes por toda a parte, em todas as colonias que nos pertencem ou já nos pertenceram, e podem ser constatadas por todos aqueles que as quizerem vêr imparcial e honestamente. Se nalgumas coisas nos temos descuidado nenhuma delas é o interesse e o carinho pelo indigena.

E' bom não deixar esquecer isto!

* * *

No decurso do nosso modesto trabalho sobre as colonias havemos de expôr varios elementos, alguns deles ineditos, que hão de concorrer para a completa demonstração do que acima afirmamos. Hoje vamos vêr como os indigenas são tratados em S. Tomé, ouvindo uma pessoa competente, o dr. Curcinio Dias, clinico que ha bastante tempo ali exerce a sua profissão em varias roças:

—A operação de recrutamento dos indigenas e o regime a que os mesmos estão sujeitos nas roças são duas coisas distintas e completas que estão, ambas, sob a fiscalisação do Estado e se regem por leis especiais que por todos são fielmente cumpridas. Vejamos o que elas são sob o ponto de vista de saude.

Na ocasião do recrutamento os indigenas são todos rigorosamente inspeciodados, no proprio local da sua inscrição, pelos medicos da entidade recrútadora. Só são aceites aqueles que estão em condições de trabalhar, havendo sempre o maior cuidado em não recrutar doentes perigosos. Depois, na Curadoria são novamente examinados pelos medicos oficiais que têm liberdade ampla para regeitar os que não encontram bons. Só depois destas duas inspeções, que, diga-se de passagém, são feitas com criterio e honestidade, é que os indigenas vão para as roças cumprir os seus contratos.

Aqui, são novamente inspecionados pelos medicos privativos depois do que são submetidos a algumas regras de higiene: banho geral, corte do cabelo e mudança de roupa. Findos estes preparativos descançam 15 dias para aclimatação e restabelecimento dos incomodos da viagem e são empregados mais 15 a 30 dias em trabalhos leves, escolha de andim (coconote) capinas (cortar hervas) etc. E só depois disto é que entram no serviço activo.

E' esta a operação medica do recrutamento dos indigenas para S. Tomé.

Uma enfermaria do hospital rocetro

Podemos afirmar que em nenhuma outra parte do mundo se faz melhor. Nem com mais consciencia nem com mais humanidade.

—Quanto aos outros cuidados?

—Nas roças os serviçais trabalham 8 horas por dia, têm senzalas higienicas e confortaveis, recebem diariamente as rações determinadas pelo mapa respectivo, mais do que suficientes para a sua alimentação e que são divididas em 3 refeições: mata-bixo ás 7,30, almoço ao meio dia e jantar ás 18 horas.

Se isto é ou não assim, e se é ou não bom o tratamento dos indigenas em S. Tomé, aí está o seu aspecto fisico a dizê-lo duma maneira bem concludente.

Todas as roças possuem um hospital para o tratamento dos indigenas, sempre pronto para prestar socorros e permanentemente providos do pessoal necessario: enfermeiro, farmaceutico e medico, estando este obrigado a visitas periodicas, nas quais os doentes são observados um a um, Nalgumas roças existe muito mais do que isto. Em Agua-Izé, por exemplo, ha uma creche onde as crianças passam o tempo, durante o qual as mães cumprem as suas obrigações, coisa que por enquanto nem todas as terras de brancos possuem.

—Pode dar-nos algumas informações sobre a organização dos serviços hospitalares das roças?

—A organização desses serviços existe aqui exactamente, como nos hospitais de Lisboa, com os mesmos graficos, os os mesmos boletins, a mesma maneira de receitar. Em qualquer hospital, se pode saber tudo quanto se quizer a respeito de qualquer doente moderno ou antigo: o seu nome, a sua filiação e naturalidade, a molestia que o levou lá, o numero de dias que esteve hospitalizado, as visitas que lhe foram passadas pelo medico, os medicamentos que tomou, etc.

—O receituario tambem é identico?

—Tambem. Eu emprego, sem peso nem medida, impostos pelas roças, o mesmo sucedendo com os meus colegas, especialidades farmaceuticas de todas as qualidades, preveniencias e preços. Emprego muito, mas muito, 914, muito sulfarsonol, sais de bismuto, santonina, sais de mercurio, etc., e alimento os meus doentes, sempre que é necessario, com farinhas, leite, ovos e tonicos diversos quasi sempre em especialidades. E para que tudo se posso fazer, conforme os medicos indicam, cada hospital possui a sua farmacia, provida de todos os preparos, preparos que na farmacia de Agua-Izé vão até a belos auto-claves para esterilizações e aparelhos para analises parasitologicas e bacteriologicas. Quão distante vai o tempo em que os pretos eram tratados quasi exclusivamente pelo sulfato de sodio, tintura de iodo e iodoformio!

Os pretos, digo eu? tambem os brancos!

—Com respeito ao movimento dos hospitais e á natureza das doenças mais frequentes?

—O movimento dos hospitais é normal. Numa roça onde trabalham 2.100 indigenas, eu tenho 80 doentes, mas, na maioria, doentes de feridas adquiridas nos serviços, o que não tem importancia, e de vermes intestinais e diarreas resultantes da geofogia, esse pessimo habito que eles trazem das suas terras. Desses 80 enfermos, apenas um muito reduzido numero está seriamente doente, ou, por outra, enferma de doença séria e que bastante preocupa os medicos de S. Tomé. Refiro-me á gripe, que, devido á mudança de clima, ataca os indigenas e varias vezes os leva para a pneumonia e para a tuberculose. Serviçais hospitalizados por motivo de agressões dos brancos ou deficiencias de tratamento não existem em S. Tomé. Pode afirmá-lo categoricamente e sem nenhum receio de desmentido.

* * *

Aí fica o que o dr. Curcinio Dias nos disse sobre a maneira como, sob o ponto de vista de saude, são feitos os recrutamentos de serviçais para S. Tomé e a forma como esses serviçais são depois tratados nas roças. Nós não podemos duvidar das suas palavras, porque tudo vimos, com os nossos proprios olhos, em diversas roças: Agua-Izé, Boa Entrada, Pinheira, Santa Margarida, Roça Açoreana, Babudo, etc., nem ha ninguem em Portugal que duvide delas, tão habituado está o publico a ouvir dizer o que se faz em S. Tomé.

Mas se houver alguem, fora do pais, muito interessado por estes assuntos, que duvide, aconselhamos-lhe uma visita ao proprio local, onde poderá verificar tudo e mais alguma coisa, como, por exemplo, o carinhoso cuidado com que são tratadas as parturientes.

—Mas isso é em S. Tomé, poderão responder-nos.

Pois, mais adiante, veremos o resto.

Antonio Lopes

O ACADEMICO
Ambos os sexos — Linguas — Inst. Primaria
LICEU: ROCIO { Telefone N. 6129 / R. Correiros, 327 COMERCIO:
CURSOS: Geral e Complementares. Explicações individuais e em curso: aulas especiais para alunos extranhos aos liceus
DIRECÇÃO: Valentim Junior. Habilitação intensiva para exames nas escolas oficiais. Cursos rapidos, Steno-dattilografia
CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS
DIRECTORES: Dr. P.e Avelino de Figueiredo / Capitão João Pedro da Silva

FOOT-BALL INTERNACIONAL

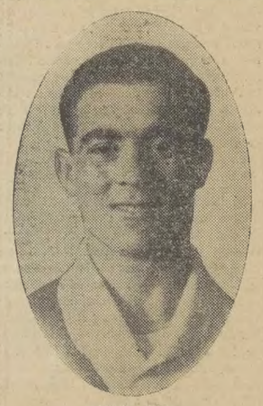
Cêrca de 30 mil pessoas
assistem no "Stadium„ de Lisboa
AO ENCONTRO
Portugal-Espanha

A linha avançada da Espanha

L. Requeiro, p. direita; *Lafuente*, m. direita; *Samitier*, centro; *Goiburu*, m. esquerda; *Kiriki*, esquerda.

Os tempos mudam. A bola triunfa. Ninguem diria há sete anos, quando uma "équipe„ portuguesa se deslocou para Madrid, a fim de disputar o I Portugal-Espanha, que este desafio annal se havia de transformar no maior acontecimento desportivo da Peninsula.

Ai o têm. Lisboa inteira está hoje suspensa das rêdes do Stadium. Dir-se-hia que a cidade respira "foot-ball„. Um logarsinho ao sol, na geral do Lumiar, vale hoje mais para o lisboeta aficionado do



VITOR SILVA

que um "fauteuil„ de veludo no conselho executivo da Sociedade das Nações.

Um pontapé de Jorge Vieira ou um mergulho de Zamora tem mais importancia nesta altura do que uma atitude politica do sr. Cunha Leal ou um discurso fraternal de Primo de Rivera.

Como disse ontem o dr. Salazar Carreira, a "furia espanhola„ debater-se-há hoje com a "alma portuguesa„. As duas somadas dão o "élan„ peninsular.

A bola é uma diplomacia que tem dado entre Portugal e Espanha melhores resultados do que os discursos aproximacionistas dos politicos ou as "démarches„ diplomaticas das embaixadas.

Se quizerem resolver o conflito da pesca, mandem a bola para o Algarve, ponham o Zamora dum lado e o Cipriano do outro,— o Jorge e o Samitier no meio—vendam a geral á sardinha e a superior ao atum, e dum simples desafio de "water-polo" ha-de nascer fatalmente a harmonia piscatoria entre Portugal e Espanha. O peixe escolherá a rêde que prefere. E uma simples conhoneira, a "Prince Cox", pode servir de arbitro entre os cêrcos portugueses e espanhois.

E Cristovão Colombo? Era português? Era espanhol? Ou era simplesmente genovês? Era um "internacional". Era um jogador da bola—um corredor da esfera armilar.

Nas ruas da Baixa, á hora em que escrevemos, reina a loucura. Não ha um taxi disponivel. Não ha um logar de sardinha na plataforma dum electrico. Ouve-se por toda a parte:

—A bola... a bola... a bola... O Jorge... o Cipriano... o Zamora... o Gamborena... o Samitier... o Kiriki...

E a gente fica a pensar se o futuro de Portugal está nas colonias ou no balão redondo que ha-de dançar logo o "fox-trott" na pista internacional do Stadium.

Zamora não trouxe a "mascotte". Desta vez, "el muñeco" caprichoso não quiz vir com ele.

Quem sabe se o famoso "ás" da bola não terá que se arrepender, quando o balão lusitano lhe furar as rêdes com um pontapé vigoroso da "alma portuguesa"? E' que em "foot-ball" a alma não canta, não chora, não ri—dá pontapés. E diante da rêde que todos supõem invulneravel, "el

CARLOS ALVES

defesa direito, pela 1.ª vez internacional

mago de la pelota", o escultor prodigioso de atitudes olimpicas, o dramaturgo emocionante dos grandes lances desportivos cantará em surdina, como a Rosita Rodrigo:

Muñequita de trapo,
Por qué no has venido?...

Terminou o jogo. Não foi uma vitoria para os portugueses, mas foi um empate. E um empate com o "team" formidavel que a Espanha nos mandou, já representa alguma coisa.

O publico sai contente do Stadium. Zamora canta definitivamente:

Muñequito de trapo,
Por qué nos has venido?...

A caminho do campo

Meio dia em ponto.

Faltam ainda duas horas e meia para o inicio da grande luta. Apesar disso, a Baixa apresenta já o aspecto festivo — quasi tumultuoso — dos grandes dias de gala nacional.

Os electricos começam a ser assaltados pelo povo. E a caminho do Lumiar, em todos os meios de transporte, vêem-se já aficionados do balão redondo, ou simples curiosos contaminados pelo *virus* de entusiasmo que avassala Lisboa.

Os autocarros, não páram na Avenida. Vêm-se recusar a tomar passageiros. Os fregueses chamam. Os *chauffeurs* não páram. Pede-se a intervenção da policia. Esboçam-se conflitos.

Os electricos, que descem a Avenida com a bandeira «Restauradores» ou «Reservado» são tomados de assalto. Nota-se uma grande deficiencia de meios de transporte para uma tal afluencia de publico.

As pessoas mais prudentes vão pelo seu pé. E todos os caminhos que conduzem ao Stadium oferecem o aspecto pitoresco duma romaria popular. Não ha nenhuma que tenha pois mais devotos em Lisboa do que esta: Nossa Senhora da Bola.

O aspecto do campo

Nas proximidades do Stadium, as ruas oferecem um aspecto impressionante. Diz-se-ia a chegada triunfal dum rei ou dum heroi.

Afinal, é apenas uma questão de bola. Bola a mais... bola a menos...

Das janelas debruçam-se familias numerosas, familias que gosam o espectaculo da multidão, que participam do fogo sagrado sem sair de casa.

Nos passeios é dificil transitar. A onda humana espraia-se por toda a parte. A policia é insuficiente para a conter.

Entra-se no Stadium através de mil dificuldades.

Se o aspecto do caminho era de molde a impressionar, o aspecto do campo constituia um espectaculo unico, admiravel.

Milhares de pessoas, muitas dezenas de milhares de pessoas enchiam o Stadium. Era gente vinda de todos os bairros, tomando de assalto as bancadas, transformando a geral vastissima num mar de cabeças.

A' volta do rectangulo onde o grande combate foot-ballistico vai iniciar-se dentro de alguns minutos, ajustou-se um enquadramento espesso formado pela multidão, que aguarda o jogo com ansiedade.

A entrada dos jogadores constitue um exito.

O primeiro a entrar é o arbitro, loiro, sorridente, recebido com uma ovação de amigos.

Os fotografos, no campo, já não têm um minuto de descanso.

Surgem, de entre a turba, ramos de flôres.

As *équipes* não entram no rectangulo.

Ha privilegiados que iludem a «consigne». Ha os que conseguem chegar mesmo junto dos jogadores, apalpá-los, abraçá-los, envolvendo-os na onda do seu entusiasmo, da sua esperança.

Entram primeiro os espanhois.

Aplausos discretos. Zamora á frente, seguido por Sami. «*Urrahs*» do estilo, para o camarote presidencial, para o publico.

E' agora a vez dos portugueses.

Uma apoteose. A' frente, Jorge Vieira, logo seguido por Cipriano. Mais algumas formalidades, mais alguns minutos de ansiedade. E a luta vai começar.

Jorge Vieira diz:

— Bom jogo e coragem, eis o que lhe posso dizer. A nossa *équipe* está animadissima e apesar de reconhecermos que os espanhois têm um poderoso conjunto e fortissimos jogadores individuais—isso não nos diminue a fé.

O glorioso Artur José Pereira afirmanos:

— Não conheço bem o estado da nossa *équipe*. Mas parece-me que o jogo vai ser duro. Ganhar? Não acho possivel. Mas verá que vamos dar agua pela barba aos espanhois.

Os preliminares do jogo

A entrada dos "teams" desencadeia tempestades de aplausos. Saudações da praxe. Fotos. "Hurrahs".

Zamora e Jorge trocam os ramos. Mais palmas.

O nosso "team" tem um bom aspecto e—ao que dizem—um explendido moral e confiança num bom resultado.

WALDEMAR

ponta direita, pela 1.ª vez internacional

A linha de defesa da Espanha

Vallana, b. direita; *Zaldua*, b. esquerda; *P. Requeiro*, h. b. direita; *Gamborena*, centro; *Trino*, h. b. esquerda.

Os espanhois ganham o "tors' e escolhem o campo norte.

Os "teams" alinham:

Espanha—*Camisola vermelha e calção azul*—Zamora; Vallana e Zaldua; Trino Gamborena e Regueiro; Lafuente, Regueiro, Samitier, Goiburu e Kiriki.

Portugal—*Camisola verde e calção preto*—Cipriano; Carlos Alves e Jorge; Figueiredo, Silva e Cesar; Waldemar, João dos Santos, Vitor Silva, Martins e José Manuel.

O peso das «equipes»

Jogadores portugues, peso colectivo—767 quilos.

ARMANDO MARTINS

Peso medio por jogador, 69 quilos.

Jogadores espanhois, peso colectivo—783 quilos.

Peso medio por jogador, 71 quilos.

O jogador dos 22 que pesa menos é português, 62 quilos. O que mais pesa é espanhol, Zamora 84 quilos.

A linha media portuguesa

ESTATISTICA DO JOGO
Portugal-Espanha

CAMPO PORTUGUÊS:

1.º PARTE:—Bolas de saída, 5—"Corners" sofridos, 1—"Frees" sofridos, 5—"Penaltys" sofridos, 1—Defezas de Cipriano, 11—"Goals" entrados nas redes portuguesas, 1.

2.ª PARTE:—Bolas de saída, 6—"Corners" sofridos, 1—"Frees" sofridos, 6—"Penaltys" sofridos, 0—Defezas de Cipriano, 5—"Goals" entrados nas redes portuguesas, 1.

CAMPO ESPANHOL:

1.º PARTE:—Bolas de saída, 6—"Corners" sofridos, 2—"Frees" sofridos, 10—"Penaltys" sofridos, 1—Defezas de Zamora, 13—"Goals" entrados nas redes espanholas, 1.

2.ª PARTE:—Bolas de saída, 13—"Corners" sofridos, 1—"Frees" sofridos, 2—"Penaltys" sofridos, 0—Defezas de Zamora, 5—"Goals" entrados nas redes espanholas, 1.

Resultado oficial do jogo: Empate por 2 a 2

LIMA & GAMA, LTD.

ENDEREÇO TELEGRAFICO:
Gama

S. TOME'

CODIGOS:
A B C 5. edição, Ribeiro, Mascotte e Beutley

GRANDES ARMAZENS DE FAZENDAS — Chapelaria — Camisaria — Sapataria — Quinquilharias — Louças — Tabacos — Novidades para brindes — Ferro e ferragens — Materiais de construcção — Drogas e tintas — Mercearia — Schipchandier

ETC.

AGENTES das Companhias de Navegação: C.ª Nacional de Navegação — Hamburgo — Bremer, Afrika — Linie G. da bH Elder Dempster & C.ª L.td — Africa Ocidental — S. A. e da Companhia de Seguros: State Fire Insurance C.y L.td

Representantes das 41 Roças:

Agua Izé
Angra Toldo
Boa Nova
Budo Budo
Caridade
Colonia Açoreana
Granja
Guegue
Ilheu das Rolas
Ió Grande
Jou
Lembá
Maianço
Monte Café
Monte Macaco
Monte Mario
Monte Forte
Nova Moka
Nova Olinda
Pentecostes
Prado
Plancas
Praia das Conchas
Queluz
Rio do Ouro
Bela Vista
Diogo Vaz
Rozema
Santa Adelaide
Santa Cruz
Santa Margarida
Santarem
S. Vicente
Saudade
Soledade
Traz-os-Montes
Uba Metade
Valle Prazeres
Villa Conceição
Santa Catharina
Belo Horizonte

JAIME D'A
M
Rins—Vias
CLIN
Consulta
AVENIDA DA
Tel. N. 1629—Cons
D

CA
TE
São Luiz—A's 21—
Trindade—A's 21,3
Gymnasio—A's 21,3
Apolo—A's 20,30 e
Eden — A's 20,30 e
Avenida — A's 21,30
Teatro Joaquim
—«Sol ao Rato».
Maria Victoria — 20,3
Salão Foz — A's 15
Variedades.
Coliseu — A's 21 —
ANIMA
Odeon — A's 21.
Politeama — A's 21
Olimpia — Das 14,3
Tivoli — A's 21.
Chiado Terrasse
Teatro-Cinema Jo
Salão Ideal — A's
Casino Internacio
ma, concerto e da

Teatro
Hoje, á
Gra
A gracios
genero ame
musica d
O AZ D
Grande movime
marcação.
— Linda

TELEFONE N. 3800 E
Sempre em
ROSAS D
sempre triunf
com o ad
A Rainha Santa Is
Preço

Uma Mar
RELOG
ELETR
SEM COR
NUMEROSOS MO
MOVIMENTOS E
4 ANOS. A VEND

Comendad
de Barr

Missa do 30.°

Sua viuva, filh
mandam rezar á
ras, na igreja de
ra uma missa,
saudoso extinto.
Agradecem mu
das as pessoas q
este piedoso acto
bem assim a toc
ram neste trans
culpa de qualqu
cimentos por ign

JAIME D'ALMEIDA LEAL
Médico
Rins—Vias Urinarias e Sifilis
CLINICA GERAL
Consultas das 5 ás 7 1|2
AVENIDA DA LIBERDADE, 141
Tel. N. 1629—Consulta especial para pobres
Das 11 á 1

ESTRANGEIRO

Cabeleireiro de Senhoras
Avenida Almirante Reis, 29, 1.º, direito
Córtes a 4$00
Arvore do Natal para as creanças
e brindes ás senhoras

CARTAZ

TEATROS

São Luiz—A's 21—«O Az do Cinema».
Trindade—A's 21,30 — «Black-Follies».
Gymnasio—A's 21,30—«A noite do Casino».
Apolo—A's 20,30 e 22,30—«O Sete e Meio».
Eden — A's 20,30 e 22,30 — «Rosas de Portugal».
Avenida — A's 21,30 — «Agua-pé».
Teatro Joaquim d'Almeida—A's 20,30 e 22,30 —«Sol ao Rato».
Maria Vitoria — 20,30 e 22,30—«O Pardal Maluco».
Salão Foz—A's 15 e ás 21 — Animatografo e Variedades.
Coliseu—A's 21—Companhia de circo.

ANIMATOGRAFOS

Odéon — A's 21.
Politeama — A's 21.
Olimpia — Das 14,30 ás 0,30.
Tivoli — A's 21.
Chiado Terrasse — A's 20,30.
Teatro-Cinema Joaquim de Almeida—A's 21.
Salão Ideal — A's 20,30.
Casino Internacional (Monte Estoril)—Cinema, concerto e dança.

Teatro São Luiz
Hoje, ás 21,15 horas
Grande sucesso
A graciosissima opereta
genero americano em 3 actos,
musica de Walter Kollo
O AZ DO CINEMA
Grande movimentação. — Originalissima marcação. Imprevistas situações — Linda musica moderna

TELEFONE N. 3800 **EDEN** A's 8 • 1|2 • 10 • 1|2
Sempre em duas sessões
ROSAS DE PORTUGAL
sempre triunfante e incomparavel
com o admiravel quadro
A Rainha Santa Isabel no Milagre das Rosas
Preços de Cinema

Uma Maravilha!!
RELOGIO ELETRICO
ATO
SEM CORDA
NUMEROSOS MODELOS
RELOGIOS PARA QUARTOS E SALAS
DISTRIBUIÇÃO DA HORA
Agentes exclusivos Steffen & Cº
151, Rua da Madalena, 2.º Esq. Lisboa
MOVIMENTOS E PILHA GARANTIDOS POR 4 ANOS. A VENDA NOS BONS RELOJOEIROS

Comendador Frederico de Barros Taveira

Missa do 30.º dia e agradecimento

Sua viuva, filhos, netos e mais familia mandam rezar ámanhã, 9, pelas 11 horas, na igreja de S. Sebastião da Pedreira uma missa, sufragando a alma do saudoso extinto.

Agradecem muito reconhecidos a todas as pessoas que se dignarem honrar este piedoso acto com a sua presença, e bem assim a todos que os acompanharam neste transe afflitivo, pedindo desculpa de qualquer omissão nos agradecimentos por ignorancia de moradas.

A «NOBRE ARTE»

PAULINO
vence
PAT LESTER
POR «KNOCK-OUT»

Para os desportistas visinhos, hoje representados em Lisboa, pelos seus melhores jogadores de "foot-ball„ e cronistas da especialidade, foi de bom prenucio para o ano de 1928 o triunfo de Paulino Uzendum.

Mais de seis mil pessoas se reuniram em Nova Jersey para presenciar o encontro do lenhador "basco„ com Pat Lester.

Ao começar o primeiro "round„ foi Lester que experimentou o seu contrario; mas este, pouco depois iniciou o ataque com um terrivel golpe á mandibula de Lester que caiu para se levantar imediatamente. E ambos estavam atacando furiosamente quando soou o "gong„.

O segundo "round„ começou tornando Paulino a atacar Lester, este esquiva os golpes e dá-se um "corp-a-corp„ que termina por novo e terrivel golpe de Paulino na cara de Lester.

No terceiro mantem-se o dominio de Paulino com golpes eficazes que fazem com que Lester sangre e atinja quasi o "K. O.„ por um directo á face.

Lester tenta reagir começando o quarto "round„ por dois golpes da esquerda a Paulino, que replica com outros e dois directos seguidos á cara do adversario.

No quinto continua o ataque de Paulino e repete-se o corpo a corpo que parece enfraquecer Paulino; mas este termina o "round„ castigando o estomago de Lester com grande decisão.

No sexto dão ambos mostras de cançasso, sem que cessem de se prodigalizar fortes golpes. Paulino acerta um "upercut„ e varios golpes ao estomago que fazem oscilar Lester, sangrando dum enorme directo á mandibula. Ao soar o "gong„ é desolador o estado do americano, que no setimo é levado ás cordas por Paulino. Este tem as luvas cobertas de sangue do adversario e luta com uma furia que o contrario se limita a esquivar.

Mais um soberbo "upercut„ do espanhol, e o americano cai sem sentidos.

Decorrido o tempo regulamentar, é Lester levado em hombros dos seus ajudantes, ao tempo a que os admiradores de Paulino invadem o "ring„ para o levantarem em hombros.

Os comentarios foram inteiramente favoraveis á vitoria de Paulino, aliás facil, porque dominou sempre o adversario, castigado com dureza e, finalmente, pelo aparatoso "K. O.„

E todos coincidem com Paulino na sua afirmação de estar agora em condições fisicas e em "forma„ de se bater com os pugilistas necessarios para atingir o Campeonato do Mundo, tal como chegou ao Campeonato da Europa.

A noticia do bom aldeão "basco„ causou entre os espanhois o consequente entusiasmo e aqueles que, ante a sua anterior derrota, começavam a descrer do idolo, já se lhe renderam, de novo e completamente.

Haverá quem duvide que ao Campeonato do Mundo possa chegar o moço que começou por raxar lenha na pequena aldeia vizinha de San Sebastian, mas em Rigel ha uma velhinha que espera confiada. E' a mãe de Paulino.

TEATRO APOLO Telef. N. 4129
Todas as noites
A's 8 1|2 e 10 1|2 da noite
O Sete e meio
Vibrantes aplausos
Formidaveis enchentes
O Milagre de Fatima

Comp.ª da Revue Negre **TRINDADE** Telef. T. 976
Representação de
BLACK-FOLLIES

TEATRO AVENIDA Tel. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
HOJE A's 21,30
A representação da revista
Agua-pé

JULIO DAS FARTURAS
Parque Mayer
TODAS AS NOITES, A'S 21 HORAS
Canção Nacional
Maravilhoso certame de fado pelos melhores cultivadores

Unicos importadores
J. A. Soares L.da
R. S. MAMEDE ao Caldas, 81, 1.º
Telef. C. 198—LISBOA

Sortes grandes ?
só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

VELOUTINE E CREME
«PRINCEZA ALICE»
São os produtos que, devido á sua excellente composição, dão á pelle toda a frescura e belleza da mocidade. A' venda na Perfumaria Viuva de José Dias, rua dos Fanqueiros, 342 (Frente ao Mercado)
TELEF. 2821 N.

XAROPE PEITORAL TOSSE RHEUMA
DEPOSITO GERAL — R. Nº DO ALMADA, 69
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

Lampadas Osram-Nitra
opalinas
não ferem a vista.
OSRAM NITRA
OSRAM
OSRAM NITRA

FOOT-BALL INTERNACIONAL

João dos Santos marca o segundo "goal„ português

(Continuação da 1.ª pagina)

nuel. Um remate de cabeça de João dos Santos é esplendido de oportunidade. A bola roça a trave.

15,46—Vitor Silva vira admiravelmente uma bola sem a deixar tocar no chão. Vai fóra, rente com a baliza.

Segundo «goal» espanhol

15,48—Após um passe da direita, Goiburu marca um "goal„. Imparavel, com o "shoot„ cruzado.

Espanha, 2; Portugal, 1.

Os espanhois voltam a atacar. Parece haver um momento de desanimo no publico e nos jogadores.

15,53—Os portugueses reagem. Waldemar consegue safar-se do medio espanhol e centra muito bem. Um remate de João dos Santos é perdido.

15,57—Jorge salva uma situação perigosa, com as redes abandonadas.

15,59—Carlos Alves tem uma façanha igual. Cipriano está saindo muito inoportunamente.

16 horas—Varios dos nossos jogadores falham inexplicavelmente. O dominio dos espanhois está-se acentuando. Cipriano tem um "ialhanço„ a um remate do extrema-direita, mas a bola vai fóra.

16,4—Ouvem-se em varios pontos do campo apitos indicando que falta um quarto de hora—o celebre quarto de hora final dos encontros de responsabilidade.

16,5—"Free-kick" contra os espanhois, a 30 metros do seu "goal". José Manuel shuta fortissimo—para fora.

Os espanhois voltam a instalar-se no nosso meio-campo. Os defesas e medios portugueses defendem-no vigorosamente.

A nossa linha dianteira está fraccionada. Ha sempre dois ou três jogadores atrasadissimos, quando os restantes vão lançados.

16,10—O arbitro repreende Armando Martins, por jogo violento. Os espanhois estão demorando nitidamente todas as marcações, sempre que a bola está fóra do jogo por qualquer razão. A sua tatica não se compreende, uma vez que o dominio lhes pertence dum modo geral.

Os dianteiros vermelhos (espanhois) têm dois remates francamente maus. Samitier tem demonstrado amplamente que não consegue ser a "forward" o jogador excepcional que é o medio-direito.

16,15—"Corner" contra a Espanha. José Manuel marca bem. Zamora intervem e apanha a bola no ar.

16,16—Vitor Silva, a seis metros do "goal", cai desastradamente.

16,17—Passe de Carlos Alves a Jorge interceptado por Sami, que remata para as mãos de Cipriano.

O segundo «goal» dos portugueses

16,19—Um passe da esquerda. Victor Silva dá um toque para João dos Santos. Zamora sai mal e o remate do Setubalense entra. E' o segundo "goal„ dos portugueses!

A ovação é ensurdecedora volta o entusiasmo do inicio.

A policia tem que conter o publico que quer invadir o terreno para abraçar os jogadores nossos.

A bola vem ao centro. Os espanhois voltam a sair, mas os nossos apoderam-se de novo do esferico.

O publico está doido de alegria. Grita. Quer mais "goals„. Esquece-se de que o tempo está a terminar.

Os nossos esboçam a avançada. Mas o arbitro apita.

Acabou o match.

Portugal 2
Espanha 2

Considerações gerais

O empate alcançado enche-nos de alegria—e é rico de ensinamentos.

A "équipe" espanhola era a melhor que os nossos visinhos podiam alinhar. Apresentava-se conscia dum valor provado e confirmado pelos exitos adquiridos em "matches" internacionais contra "onzes" afamados. Apresentava-se com as impressionantes vantagens de superioridades fisicas, morais e de recursos.

Pode talvez desculpar-se que pecou por excesso de confiança. A lição servir-lhe-ha... e a nós tambem...

Mas um excesso de confiança não será nunca a explicação suficiente para o empate—acolhido com tanto maior entusiasmo quando não era muito esperado.

Inesperado, mas merecida pelo ardor, a energica vontade de ganhar e a inteligencia activa que mostraram os nossos representantes, numa magnifica forma moral.

Conseguiram entusiasmar-nos, os nossos jogadores pelas qualidades de coragem que mostraram, pela sua vontade de não aceitar a derrota, pela energia que desenvolveram para quebrar as ofensivas temiveis dos "artistas" espanhois, e para impôr até a defensiva áqueles "super-ases" da bola.

Um "hurrah" pelos nossos! O empate de hoje é dos que preparam as vitorias de ámanhã.

A «equipe» espanhola

Zamora foi no "goal„, o guarda-rêde classico nos seus movimentos, na sua colocação e na rapidez das suas intervenções. E', no seu logar, um gigante que parece bloquear, obstruir completamente o caminho para as rêdes.

A segunda bola foi talvez o resultado duma sua hesitação, mas explicavel pela confusão e rapidez das jogadas que a antecederam.

Deante dele jogavam Zaldua e Vallana. Ambos têm um pontapé de alivio—limpo, preciso e forte. Gostariamos, contudo de os vêr jogar contra um quinteto que atacasse com precisão e inteligencia—e não foi este o caso de hoje.

Mas foram uma bôa formação da "equipe„—rapidos, ageis, com grande segurança no jogo de cabeça e um grande conhecimento dos efeitos da bola.

A linha de medios — inferior ao que esperavamos, embora muito boa.

Blocam a bola, dominam-na e servem-na aos deanteiros — conservando nos momentos mais criticos e perigososos uma visão clara e pratica das situações variaveis e do provavel desenrolar do jogo.

A ideia geral dos ataques espanhois pareceu ser de preferencia: subir a bola. Preferencia acentuada perto do "goal„ adversario, como para dar occasião a que os jogadores do centro se lançassem velozmente para o "goal-keeper„. Mas o certo é que não se aproveitaram deslealmente das cargas. Sami foi, sob esse ponto de vista um "gentleman„... Mas, repetimos, foi inferior, ao que vale como medio direito.

A equipe portuguesa

Cipriano — O que está dito sobre a primeira parte, pode repetir-se agora. Mas frise-se que no segundo tempo, o nosso guarda-rêde teve dois ou três lances francamente maus, e que só á oportunidade dos nossos defezas se deve não terem resultado peor...

Os *defezas* — Bastante bem. Carlos Alves, o internacional estreiante, houve-se á altura do lugar. O companheiro como de costume — muita experiencia, muita colocação, muita oportunidade.

Os *médios*—Se não fizeram o melhor—fizeram muito bom.

Augusto Silva, como na primeira parte, foi o melhor. Cesar foi acentuando o seu dominio da bola para o fim. Figueiredo cumpriu, com belos lances pessoais.

O *ataque* — A' nossa impressão do primeiro tempo ha que acrescentar que no segundo teve largos momentos fraccionada — desentendida entre si.

Os melhores, nos 90 minutos fôram José Manuel, Vitor Silva e João dos Santos.

O primeiro foi quasi sempre eficiente. Vitor Silva, se teve sonões, teve tambem jogadas utilissimas a nda que sem aparato.

João dos Santos foi durante um espaço do segundo *half-time*, um elemento apagado. Mas tal como no primeiro tempo tirara um remate perigosissimo — teve no segundo, o pontapé de que resultou o nosso segundo «goal».

Waldemar melhorou ligeiramente no fim do «match». Eduardo Martins — discreto.

A arbitragem

M. Prince Cox fez uma arbitragem muito aceitavel.

Julgou bem os «fouls» e os «off-side». Apenas, ambos os «penalties», posto que justificaveis — nos pareceram um pouco rigorosos.

Soube ser imparcial, dominando o jogo, os jogadores e o publico.

CARLOS SERGIO

Fala o arbitro

Prince Cox, que procurámos no final do jogo, disse-nos:

—Foi um "match" cheio de desportivismo, que me impressionou muito bem. Nunca na minha longa vida de juiz arbitrei um jogo internacional tão correcto.

—Qual dos Grupos foi superior?

—Ligeiramente a "équipe„ espanhola no conjunto. Mas se tivesse que formar uma opinião sôbre o valor do "football„ dos dois paises pelo jogo que vi, teria que dizer que Portugal e Espanha equivalem-se.

—O resultado?

—Muito justo. Os portugueses mereceram-no e jogam muito mais do que eu imaginava.

O Chefe do Estado no desafio

Ao desafio assistiu o Chefe do Estado que, no final, chamou ao seu camarote os capitães dos dois grupos em campo, aos quais a multidão aclamou delirantemente.

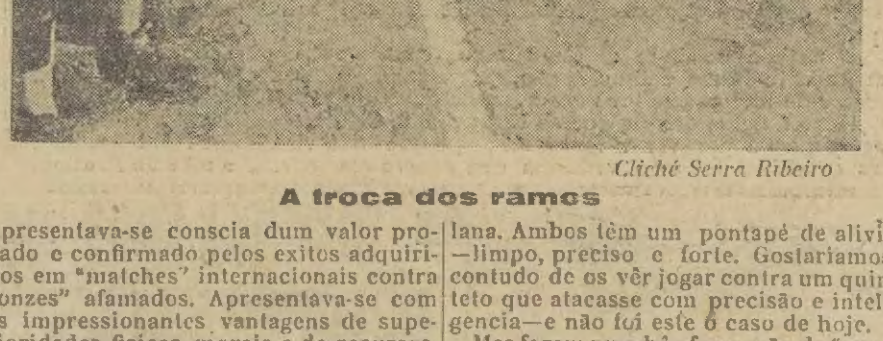
Assistiram tambem o embaixador de Espanha e alguns membros do Governo.

Arnaldo Garcês

E' do distinto "sportman„ e nosso amigo sr. Arnaldo Garcês, a flagrante fotografia que publicamos da linha média portuguesa—Figueiredo, Silva e Cesar—e que publicamos no centro do jornal.

«A Ilustração»

A revista "A Ilustração", da casa Aillaud, publica ámanhã um numero especial, dedicado ao Portugal-Espanha, com larga reportagem fotografica.



Cliché Serra Ribeiro

A troca dos ramos

Odéon telefone N.º 3703
HOJE — A'S 21 HORAS
SUA ALTEZA
com Marion Davies e Ant. Moreno
UMA FAMILIA AMBULANTE
com Charles Murray e Sally O'Neil
UM DOCUMENTARIO
Programa Metro-Goldwyn-Mayer
Orquestra sob a direcção de RENE BOHET